

Essência e Personalidade

Introdução:

Ao se referir à 'essência' do ser humano, G.I. Gurdjieff introduz dentro do ambiente dos estudos e práticas do Quarto Caminho uma questão que vem de longa data interessando tanto filósofos quanto teólogos, no Ocidente e no Oriente.

A discussão sobre os conceitos do que seria a essência das coisas, de Deus, inclusive, vem pautando a trajetória de diversas escolas filosóficas e linhas de pensamento ao longo da história, sendo que a característica mais importante deste tipo de estudos é o seu caráter intelectual ou dogmático, calcado mais na busca pelo entendimento racional, lógico/filosófico ou teológico, do que pela definição de como a essência pode ser entendida e desenvolvida em termos práticos e objetivos.

De certo modo, a especulação filosófica, assim como a teológica sobre esse assunto acabam por se concentrar em determinados grupos ou escolas de pensamento que raramente se preocupam com o aspecto prático ou diário dos seres humanos comuns. O mesmo poderia ser dito das escolas ou linhas de pensamento esotérico ou ocultista, que embora pareçam indicar um tipo de enfoque mais pessoal e íntimo, acabam por se envolver no mesmo tipo de postura intelectual e, de certo modo, alienada, elitista e irreal.

Neste aspecto, a postura de Gurdjieff, que é eminentemente prática, traz uma nova perspectiva ao problema, pois ele não se preocupou em se engajar em discussões filosóficas e/ou teológicas. A sua maneira de contemplar o problema da essência no ser humano está diretamente ligada ao propósito fundamental do Quarto Caminho, que é a busca do desenvolvimento do ser no aperfeiçoamento e desenvolvimento do homem em todas as suas potencialidades, sejam, físicas, emocionais, intelectuais e espirituais.

Uma Definição de Essência e Personalidade.

Ao definir como 'essência' a tudo aquilo que é verdadeiro no ser humano, Gurdjieff volta a situar o indivíduo como a origem da busca e do questionamento deste fenômeno (e, fundamentalmente, de todas as demais características e processos que tem como base a busca pelo desenvolvimento e expressão dessa humanidade).

Esta re colocação do ser humano no foco das preocupações dos estudos do Quarto Caminho é, ao nosso ver, crucial para que possamos escapar das armadilhas de um intelectualismo estéril que se basta a si mesmo, e de um academicismo que busca justificar essa esterilidade ao se alienar da realidade que o cerca, ao conferir uma importância exagerada ao intelecto como única ferramenta capaz de conduzir ao conhecimento.

Desta maneira, Gurdjieff situando o problema da essência dentro da dimensão da nossa própria humanidade, nos oferece uma saída para o problema do intelectualismo e, ao mesmo tempo, nos dá as pistas para uma busca que poderá ser realizada em outros campos que não o dos malabarismos mentais e racionais.

Se tentarmos responder à pergunta:

‘O quê haveria de verdadeiro no ser humano?’

Provavelmente teríamos de responder a essa questão citando duas dimensões específicas: (1) o material genético que define e controla a natureza biológica do ser humano e (2) o modo com que ele interpreta e interage com o meio que o circunda, ou seja, a maneira pela qual ele faz uso da sua consciência.

Estranhamente, são exatamente essas duas áreas que estão sendo mais amplamente pesquisadas pela ciência e psicologia atuais, com os notáveis avanços que estamos testemunhando em ambas as áreas.

Ao localizar um dos aspectos essenciais do ser humano na sua carga e potencialidade genética, Gurdjieff, novamente nos mostra como ele se situava muito à frente do seu tempo.

Ele, de certo modo, coloca a essência do ser humano dentro da área de interesse da genética, algo material e passível de estudos e desenvolvimentos e, ao mesmo tempo, ao situar o problema dos diferentes tipos de consciência que o ser humano pode possuir ou vir a desenvolver, indicou, novamente, o campo da psicologia da consciência como fundamental, senão crucial, para o estudo do ser.

Ora, sabemos que cada ser humano possui uma carga genética, adquirida dos seus pais no momento da sua geração, que, na sua combinação assume característica únicas e pessoais, sendo que essa carga apresenta elementos comuns a toda a espécie humana, por exemplo, as características de ser bípede, apresentar uma anatomia e uma fisiologia compatíveis com o restante dos seres humanos, e uma potencialidade genética, que é também característica da espécie humana que, igualmente, contem tanto elementos comuns à espécie quanto elementos particulares que poderão ser desenvolvidos ou não ao longo da vida do indivíduo.

Os elementos comuns são as características biológicas básicas que compõem um ser humano saudável, bem como as suas deficiências e possíveis problemas biológicos futuros.

Sabemos que existem famílias onde o risco de desenvolver uma doença, por exemplo, o diabetes é maior do que na população em geral, por haver uma espécie de determinante genético que foi adquirido dos pais e antepassados.

O mesmo pode ser dito de determinados tumores ou cânceres, e, embora não possa ser generalizado de forma universal, poder-se-ia dizer isso de cada doença que experimentamos como indivíduos.

Ainda dentro da perspectiva genética, poderíamos dizer que a esta definição física da nossa natureza física e fisiológica não é fixa ou sem a possibilidade de algum desenvolvimento; sabemos que a maioria dos processos de cura ou regeneração do organismo, controlados geneticamente, podem substituir elementos mortos ou retirados, que existe um processo de regeneração contínua de certos tecidos, como por exemplo a pele e os cabelos, que o fígado pode recuperar partes que lhe foram retiradas cirurgicamente e, na atualidade, o fenômeno da capacidade de determinadas células indiferenciadas (por exemplo, células-tronco) de recolonizarem áreas onde houve perda de tecido, parecem indicar uma elasticidade bastante ampla dos limites e restrições que um código genético poderia parecer indicar de início.

Podemos dizer que o próprio código genético possui áreas e alternativas para lidar com circunstâncias excepcionais, é lógico, até certo ponto, uma elasticidade, portanto. O mesmo poderia ser dito, por exemplo, do desenvolvimento da musculatura, resistência orgânica e capacidade metabólica que encontramos na maioria dos atletas.

Eles costumam apresentar um tipo de desenvolvimento que não é comum na maioria dos seres humanos, como que devido á solicitações e treinamentos que são feitos aos seus organismos pelo fato do seu estilo de vida.

O aumento da musculatura, capacidade cardio-respiratória, resistência e elasticidade de ligamentos e tendões, entre outros fatores, indica que a genética desses indivíduos foi mobilizada e estendida pelo tipo de treinamento e estilos de vida com uma correspondente resposta adaptativa. Isto parece também ser verdade para com a esfera emocional/estética e a intelectual, respectivamente.

Poderíamos dizer que existe uma espécie de 'espaço' para o desenvolvimento de características geneticamente definidas, e, com isso, poderíamos dizer que a própria essência do ser humano poderia sofrer algum tipo de interferência. Desta maneira, as ferramentas que Gurdjieff sugere, tais como o superesforço, sacrifício intencional e o trabalho consciente poderiam assumir uma perspectiva inteiramente nova dentro do trabalho sobre a essência e o ser. Entretanto não iremos discuti-las dentro do presente trabalho.

Um outro enfoque, que poderíamos considerar como situado na transição entre o modelo puramente biológico ou cerebral e o psicológico científico que busca analisar o fenômeno da consciência pode ser encontrado com alguns pensadores como Timothy Leary e Robert Anton Wilson, entre outros, que popularizaram a idéia dos 'circuitos cerebrais' ou da consciência, onde, pelo uso de algumas substâncias químicas psicoativas associadas concomitantemente a processos psicológicos e de dramatização, seria possível ativar-se (imprimir) determinados grupos ou áreas cerebrais que corresponderiam a funções superiores da ação cerebral e estariam associadas a estados superiores de consciência.

De inspiração assumida e declaradamente gurdjieffiana, os resultados que eles citam e definem como sendo representativos de estados de consciência superior, na realidade parecem mais indicar uma mistura entre elementos novos e antigos, por exemplo, novas percepções a partir de experiências e expectativas já conhecidas, vislumbres de novos significados e valores na realidade, estados de êxtase ou de obnubilação mental que, no final, não se traduzem numa nova conformação do ser do interessado, apenas num conjunto de experiências relativamente desvinculadas com o restante da vida do indivíduo. Mas talvez o problema maior se situe na dependência da introdução de uma substância exterior para a produção dos efeitos desejados, o que não configura uma evolução ou desenvolvimento de fato, apenas uma interferência externa. Tais manipulações químicas do nosso cérebro e conteúdos da consciência indicam, no máximo, que essas possibilidades existem, mas não são úteis para o seu desenvolvimento, devido aos riscos implícitos à saúde do interessado pelo fato de que os resultados obtidos não são permanentes nem estáveis, pois que a sua obtenção poderá gerar uma dependência química e psicológica, que em si mesmo é uma forma de escravidão, e não de libertação do ser.

Para que o processo proposto por Leary e outros tivesse valor, ele deveria conduzir a um processo de desenvolvimento e ampliação da consciência e da capacidade de representar e lidar com o mundo, algo que seria consistente com a proposta de desenvolvimento do ser, entretanto, eles não são capazes de propor nenhum elemento capaz de realizar isso e, devido a isso, acabam ficando presos na própria ferramenta que os conduziu àquelas constatações. .

Pelo seu lado, a Psicologia se preocupa basicamente com o estudo da Personalidade que, no Trabalho de Quarto Caminho nada mais representa do que uma adaptação e limitação das experiências essenciais que foram transformadas em respostas aprendidas ou condicionadas, e totalmente dependentes de estímulos desencadeadores.

Para o Trabalho, a Personalidade seria formada a partir de agrupamentos de comportamentos desenvolvidos por uma exposição a um determinado estímulo que funciona como gatilho desses comportamentos, seja por aprendizado, repetição, condicionamento, etc., sendo que na sua origem estes comportamentos poderiam estar situados na esfera da consciência essencial, mas que, pela adaptação e repetição, acabam sendo transferidos para um processo de reação mecânica, cujo contexto e somatória virá a constituir os eus que fazem parte da MBH.

A Personalidade, pode ser considerada como sendo um subproduto das ações da Essência, constituída por uma espécie de agregado de respostas mecanicamente aprendidas e mantidas pela repetição dos estímulos originadores, que não mais estão sendo experienciados ou valorizados pela Essência, mas que continuam a ser úteis numa realidade robótica e rotinizada.

Como regra, poderíamos sugerir que todas as vezes que o sentimento de 'algo novo' é perdido, podemos dizer que a partir desse ponto a Essência deixa de se interessar pelo processo em si e ele passará a ser expresso pela Personalidade.

No seu contexto maior, como programas capazes de lidar com situações pré-definidas, a Personalidade cumpre uma função importante de economia de tempo, uma vez que não temos de reaprender cada resposta de início, sempre que o mesmo estímulo se apresenta á nossa frente, o que nos daria mais tempo para lidarmos com experiências mais nobres e de cunho essencial.

Gurdjieff nos diz que aqui se situaria uma forma mecânica, ou 'adormecida' de consciência primitiva, que está voltada mais para o reconhecimento, identificação e resposta aos estímulos externos que a geraram (identificação), quando comparamos com as outras formas mais evoluídas de consciência que existem ao nosso dispor.

Entretanto, com o passar do tempo, com o acúmulo e aperfeiçoamento desses programas 'de economia de tempo', ficamos tão envolvidos com esse processo que, aos poucos a essência deixa de ser estimulada por novos elementos, visto que somos conduzidos a um comportamento de acomodação que visa fugir o tempo todo dos novos estímulos que desafiam, perturbam e questionam a Personalidade e a ficarmos debaixo da dimensão confortável daquilo que já conhecemos e que não representa uma ameaça para nós.

Assim, podemos dizer que, a grosso modo a Personalidade surge a partir das experiências da essência e que, com o tempo, ela tende a superá-la ou mesmo, substituir o seu papel como agente de definição e desenvolvimento do nosso ser. Um problema que a Psicologia Moderna está apenas agora começando a perceber, na medida em que as pessoas estão começando a questionar a sua validade dentro do contexto social maior, dentro da tribo ou do 'rebanho' e buscarem os seus próprios valores e significados individuais.

Este processo não pode ser resolvido a partir da Personalidade, pois ela não poderá oferecer nenhuma resposta aceitável para algo que ela não tem a capacidade compreender, a busca pelo novo, pelo verdadeiro eu, ou da verdade essencial do nosso ser. Isto somente pode ser feito através da superação das formas primitivas de consciência mecânica, tal como Gurdjieff preconizava, e na tentativa de desenvolver as formas superiores de consciência, naquilo que ele chamava de 'buscar despertar do sono mecânico'.

Assim, dando continuidade ao nosso raciocínio, podemos dizer que a segunda dimensão do ser humano a que Gurdjieff parece ser referir como sendo essencial seria a consciência. Esse aspecto costuma ser englobado pela ciência moderna dentro do campo da Psicologia, e nela ocupa uma parte menor quando a comparamos com os

estudos que visam identificar e resolver as patologias da Personalidade do ser humano.

Existe uma tendência a reduzir o fenômeno da consciência a um arranjo e interligação particular de algumas áreas cerebrais, isto considerando os estudos que estão sendo feitos através da tomografia de emissão positrônica em tempo real, que buscam estudar certos fenômenos ligados à tomada de decisão, por exemplo. Tais estudos, por mais convincentes que possam parecer de início, oferecem muitos poucos subsídios para garantir uma teoria puramente cerebral da origem e natureza da consciência.

O Trabalho de Quarto caminho define a Consciência como sendo uma função da nossa Essência e que define o estado do nosso ser, representando, na realidade, a única característica a partir da qual temos a possibilidade de conhecer analisar a nossa Essência dentro da dimensão da máquina biológica humana.

Como já foi dito acima, a consciência representa a maneira especial, específica através da qual a nossa essência experimenta, representa e lida com o ambiente ao nosso redor.

Como ambiente, queremos dizer tudo aquilo que temos a capacidade de tomar 'ciência de' ou 'estarmos cientes de', ou ainda, de trafegarmos juntos, a experiência do nosso ser experimentando o fenômeno observado.

Portanto não é apenas um problema de localização geográfica, pois poderemos estar totalmente fora do nosso ser ao estarmos totalmente envolvidos com projetos mentais ou emocionais oriundos da própria MBH e, assim, situados totalmente fora da nossa dimensão essencial.

Isto envolve uma série de problemas e definições, tais como: capacidade de perceber os fenômenos, estado e grau de desenvolvimento dos sistemas captadores de informações (percepção), capacidade de representação e comparação (modelos e memória), grau e qualidade de nossa atenção, como resolvemos o problema da identificação e da distração, etc., entre outros problemas que o Trabalho busca identificar e resolver.

Entretanto, quanto mais estudamos o corpo das idéias do Quarto Caminho, mais começamos a perceber que aquilo que a maioria dos interessados nesta área definem como 'qualidade e competências superiores' sejam elas quais forem, que nas suas opiniões e pontos de vista se situam muito acima e aquém da capacidade do indivíduo normal cotidiano, na realidade parece ocorrer justamente uma situação reversa, onde aqueles elementos que são considerados superiores ou transcendentais é que representariam a dimensão da normalidade desejável e 'normal' do ser humano ordinário, que constituiriam a base a partir da qual ele poderia dar prosseguimento ao seu processo de aperfeiçoamento e evolução do ser.

Por consequência, teríamos de aceitar a idéia de que o nosso estado 'normal' e ordinário na realidade seria um estado de intenso rebaixamento orgânico e de consciência, onde estaríamos vivendo numa dimensão extremamente pobre e limitada das nossas possibilidades como reais seres humanos.

Na realidade Gurdjieff define o ser humano normal como sendo um robô adormecido, que nasce adormecido, vivo adormecido e morre no sono, sem realmente ter experimentado sequer um único momento de sua real dimensão humana, totalmente iludido e seduzido por modelos e esquemas que o embalam e o mantêm preso nesse sono terrível. A esse estado ele se referia como sendo o 'horror da nossa própria condição'.

Desta maneira, ao definir um estado de consciência 'adormecida' e ao indicar que o Trabalho de Quarto Caminho visa 'despertar' a consciência do ser humano adormecido em direção a um estado de desperta pleno ou de 'presença', Gurdjieff nos indica a direção para escaparmos do horror da nossa situação atual e, ao mesmo tempo, define as características que esses novos estados irão apresentar, quando incorporados de forma definitiva e irreversível na nosso ser. A busca pelo despertar que corresponde a uma parcela importante de todos os esforços e conhecimentos que o Trabalho coloca à disposição do indivíduo genuinamente interessado no desenvolvimento do seu ser, conduzindo ao estado de consciência plenamente e permanentemente desperta parece coincidir com os conceitos de 'Homem Perfeito' que podem ser encontrados em todas as grandes religiões e escolas filosóficas da história da humanidade.

Só que Gurdjieff ensina como fazer isso...

Observação: o presente artigo é uma ampliação dos conceitos apresentados na palestra proferida sob o mesmo tema no Instituto NoKhooja no dia 27/11/2008.

CG/cg

Novembro 2008